Viva a ressurreição

Viva a ressurreição

EUGENE H. PETERSON

Traduzido por Robinson Malkomes

NOVA EDIÇÃO

MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2006 por Eugene H. Peterson
Prefácio © 2020 por Eric E. Peterson
Publicado originalmente pela NavPress, representada pela Tyndale House Publishers, Carol Stream, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo as seguintes indicações: *Nova Bíblia Viva* (NBV) e *Nova Versão Internacional* (NVI), ambas da Biblica, Inc.; *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation; e *A Mensagem* (MSG), da Editora Vida.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P578v
2. ed.

Peterson, Eugene H., 1932-2018
Viva a ressurreição / Eugene H. Peterson ; tradução Robinson Malkomes. - 2. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.
160 p.

Tradução de: Living the resurrection
ISBN 978-65-5988-182-7

1. Jesus Cristo - Ressurreição. 2. Bíblia. N.T. Evangelhos - Crítica, interpretação, etc. 3. Vida cristã. I. Malkomes, Robinson. II. Título.

22-80337 CDD: 248.4
CDU: 27-312.9:27-584

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: fevereiro de 2007
2ª edição: fevereiro de 2023

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Sumário

Prefácio por Eric E. Peterson 7

1. Ressurreição e deslumbramento 13

2. Ressurreição, comida e bebida 55

3. Ressurreição e amigos 97

Apêndice: Histórias da ressurreição 135
Notas 159

Prefácio

"Creio [...] na ressurreição do corpo." Essa afirmação do credo, uma pedra angular da ortodoxia cristã, combina habilmente dois pilares centrais de nossa fé: a encarnação e a ressurreição. A carne que revestia Jesus no Dia de Natal não se esvaneceu no Dia da Ascensão; ele não se metamorfoseou de um ser físico para um ser espiritual tão logo se foi deste mundo. Desde o princípio, o corpo de Cristo esteve intimamente envolvido em todos os detalhes da criação de Deus, da revelação de Deus, da salvação de Deus. Ainda hoje, esse corpo se assenta à destra do Pai, reinando, orando, preparando. Ele está tão fisicamente vivo e com saúde quanto estava em seu nascimento em Belém.

Uma vez que a vida da fé nada é senão encarnada, ela deve ser vivida — vivida na carne. Embora o corpo de Jesus esteja, por ora, devolvido ao céu, o corpo de Cristo permanece encarnado por meio da igreja. Manifestando a presença corporal de Jesus, a vida cristã segue adiante em meio aos detalhes comuns do aqui e agora, ancorada neste planeta. O Espírito

Santo (que é o Espírito de Cristo) habita nos batizados, criando uma misteriosa convergência de tudo o que é passado, presente e futuro, uma realidade que se celebra na liturgia da Eucaristia: "Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo voltará". Por ora, ele vive em pessoas como você e eu.

Viver a encarnação e viver a ressurreição são dois lados da mesma moeda de discipulado; é a união de nossa mortalidade e nossa imortalidade. Nada fica de fora.

Poucas dádivas em minha vida se comparam à de estar junto a meu pai durante seus últimos dias. Na tarde em que ele ficou pela primeira vez numa unidade de cuidados paliativos, resumi para ele a realidade de sua condição contando-lhe três coisas:

1. Você é muitíssimo amado.
2. Vamos cuidar de você.
3. O restante de sua vida provavelmente será medido em dias e semanas, não mais em meses e anos.

Quando lhe perguntei como se sentia diante da perspectiva de morrer, depois de sua habitual pausa pensativa ele disse: "Me sinto bem". E, de fato, ele se sentia. Seus últimos dias foram acompanhados de uma alegria incomum à medida que ele se deleitava nas visitas da família e dos amigos, desfrutava uma última ceia de sorvete de noz-pecã, interagia

com pessoas (anjos?) do outro lado do limiar entre a terra e o céu que se preparavam, assim estou convencido, para acolhê-lo no paraíso. Como resultado, eu agora, mais do que nunca, creio na ressurreição do corpo. A morte de meu pai, bem como sua vida, foi um testemunho convincente da ressurreição que ele, agora, herdou por completo.

Embora o funeral de Eugene tenha sido aberto ao público,[1] o breve serviço fúnebre que se seguiu foi uma questão íntima, apenas para a família. Conforme nos reuníamos em torno de seu caixão para uma despedida final, e pouco antes de encomendarmos "terra à terra, cinza à cinza, pó ao pó", parecia apropriado que se ouvisse a voz de Eugene pela última vez. Na relva de uma encosta no Cemitério Memorial Conrad de Montana, li estas palavras extraídas de suas memórias, um dos últimos livros que escreveu:

> A ressurreição não tem a ver apenas com o que acontece depois que somos enterrados ou cremados. Sim, tem a ver com isso, mas tem a ver primeiramente com o modo em que vivemos hoje. Mas, como Karl Barth, citando Nietzsche, resumidamente nos lembra: "Somente onde há sepulturas há ressurreição". Praticamos nossa morte abrindo mão das exigências que impomos à vida. Somente por meio desse abandono ou renúncia poderemos praticar a ressurreição.[2]

Saímos do cemitério e nos juntamos a centenas de amigos para uma recepção nas redondezas. Contamos

histórias. Dividimos comida e bebida. Pusemos os pés sobre a linha emocional entre a dor esmagadora e o deslumbramento agradecido — o que significa dizer que, logo após a morte, nós nos juntamos a Eugene para viver a ressurreição.

Eric Eugene Peterson
Pentecostes, 2019

As mulheres, maravilhadas e eufóricas,
não perderam tempo: correram para contar
a novidade aos discípulos. No caminho, Jesus as
encontrou. "Paz seja com vocês!", ele disse. Elas
se ajoelharam, abraçaram seus pés e o adoraram.

MATEUS 28.8-9, MSG

1
Ressurreição e deslumbramento

Sempre gostei de como Billy Sunday formulava seu conceito de vida cristã ideal. Ele foi um dos maiores evangelistas americanos e pregava para grandes massas. Cem anos atrás, ele cruzava os Estados Unidos com seu grandioso espetáculo de avivamento que atraía enormes multidões. Ex-jogador de beisebol, ocupava o púlpito com o mesmo desembaraço de um atleta; noite após noite, seus sermões eram como grandes jogadas e lances de craque em suas gigantescas tendas de avivamento. Uma das marcas registradas dessas tendas era a trilha de serragem. O amplo corredor que ia da entrada da tenda até o púlpito onde ele pregava era recoberto por alguns centímetros de serragem. Isso ajudava a baixar a poeira nos dias secos e diminuía o barro nos dias de chuva. E a serragem formava uma trilha que passava por várias fileiras de cadeiras dobráveis em direção ao altar na parte da frente da tenda, logo abaixo do púlpito. Na hora da conclusão do sermão, Billy Sunday fazia seu famoso "apelo do altar", convidando homens e mulheres que tinham ido à tenda

naquela noite para saírem das cadeiras onde estavam, pegarem a trilha de serragem em direção ao altar e ali, de joelhos, entregarem a vida a Cristo. A expressão "pegar a trilha de serragem" [*hitting the sawdust trail*] entrou para o vocabulário do inglês norte-americano como sinônimo de arrependimento e conversão.

A expressão perfeita

Eu não sei se a expressão "pegar a trilha de serragem" foi inventada por Billy Sunday, mas é certo que foi ele que a consagrou na língua inglesa. A expressão que ele sempre repetia para referir-se à vida cristã ideal era a seguinte: "Pegue a trilha de serragem, dobre os joelhos e receba Cristo como seu Salvador. Em seguida, saia daqui para a rua, seja atropelado por uma carreta e vá direto para o céu".

Acho que dá para concordar que essa é uma fórmula perfeita para chegar ao céu de um jeito bem rápido e fácil. E praticamente infalível. Não há tempo para desviar-se da fé, não há tentação para atrapalhar, dúvidas com as quais lutar, marido ou esposa para honrar, filhos para aturar, inimigos para amar, nem tristeza, nem lágrimas. É a eternidade num estalar de dedos.

Billy Sunday é um exemplo extremo e mais ou menos típico da mentalidade norte-americana nesses

assuntos: Faça direito, mas faça o mais rápido possível. Estabeleça seus objetivos e vá em busca deles pelos meios mais eficientes e econômicos. Como cultura, somos especialistas em começar. Estabelecemos objetivos magníficos. Mas não somos assim tão extraordinários em dar sequência. Quando as coisas começam a dar errado, simplesmente começamos tudo de novo, já que somos bons nisso. Ou fixamos um novo objetivo, uma nova "visão" ou, como chamamos, uma nova "declaração de missão". E durante algum tempo isso nos distrai do que está acontecendo bem debaixo do nosso nariz.

O que a igreja exclui

Parafraseando algo que o papa João Paulo II disse certa vez, ao dirigir-se a um grupo de líderes de países do Terceiro Mundo: Não procurem nas nações ocidentais um modelo de desenvolvimento. Embora saibam fazer as coisas, não sabem conviver com elas. Atingiram um nível tecnológico impressionante, mas esqueceram como os filhos devem ser criados.

É esse o contexto deste livro. Um contexto cultural em que almas são ignoradas no meio da correria para conseguir ou para fazer alguma coisa. Uma importante tarefa da igreja cristã é formar pessoas por meio do Espírito Santo, até que elas cheguem "à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13).

Mas, de modo geral, é uma tarefa negligenciada. Temos várias programações para cuidar disso, mas elas sempre estão na periferia de alguma outra coisa. A formação espiritual recebe muito mais atenção no mundo secular da espiritualidade da Nova Era ou do desenvolvimento psicológico do que na igreja. E por mais louvável que seja a atenção dada pelos mestres e guias deste mundo, eles estão tentando fazer tudo isso sem Jesus Cristo ou colocando Jesus apenas como elemento periférico. Portanto, estão deixando de fora o que é mais importante, a saber, a ressurreição.

Tenho certeza de que a igreja é a comunidade que Deus colocou no centro do mundo para manter o mundo centrado. Um dos aspectos essenciais dessa tarefa de manter o mundo centrado chama-se formação espiritual — a formação da vida de Cristo em nós, processo que dura a vida inteira. Ela consiste no que acontece entre o momento em que tomamos consciência de nossa identidade como cristãos e aceitamos essa identidade e o momento em que nos sentaremos para a "ceia das bodas do Cordeiro" (Ap 19.9). Ocupa-se do modo como vivemos no período que vai entre o dobrar os joelhos no altar e o ser atropelado pela carreta.

Levanto esse assunto com considerável sentimento de urgência, não apenas porque a cultura que nos cerca tem secularizado amplamente a formação

espiritual, mas também porque a igreja em que vivo, e para a qual fui chamado a falar e escrever, está, nesse assunto, cada vez mais se tornando como a cultura, em vez de se contrapor a ela. O enorme interesse de hoje na "espiritualidade" não tem sido muito acompanhado, se é que o tem, por um interesse na questão da formação em Cristo, um processo longo, complexo e diário — ou seja, a prática de disposições e hábitos do coração que fazem a palavra *espiritualidade* deixar de ser um desejo, um anseio, uma fantasia ou uma digressão e se transformar em vida real vivida para a glória de Deus. Uma expressão de um poema de Wendell Berry, romancista, ensaísta e filósofo americano, traduz bem o que estamos falando — "praticar a ressurreição". Este livro está fundamentado na ressurreição de Jesus.

A ressurreição restaurada ao centro

Vivemos a vida cristã a partir de uma rica tradição de formação-via-ressurreição. A ressurreição de Jesus fornece a energia e as condições pelas quais andamos "na presença do Senhor, na terra dos viventes", conforme a ilustre expressão do salmo (116.9). A ressurreição de Jesus cria e oferece a realidade na qual somos formados como novas criaturas em Cristo por meio do Espírito Santo. A cultura do "faça você mesmo" e da autoajuda tem dominado o nosso pensamento

de forma tão cabal, que em condições normais não damos atenção à coisa mais importante de todas: a ressurreição. E isso acontece porque a ressurreição não é algo que podemos usar, controlar, manipular ou aperfeiçoar. É interessante que o mundo tenha tido tão pouco sucesso ao tentar comercializar a Páscoa, transformando-a em mercadoria, ao contrário do que acontece com o Natal. Se não conseguimos entender alguma coisa nem mesmo usá-la, logo perdemos o interesse. Mas a ressurreição não é algo que está à disposição para ser usado por nós. É uma operação exclusiva de Deus.

O que pretendo fazer é restaurar a ressurreição ao centro e abraçar as tradições que dela advêm para nossa formação. Vou tratar de três aspectos da ressurreição de Jesus que nos definem e nos dão energia quando passamos a praticar a ressurreição em nossa vida. Em seguida, farei um contraste entre essa vivência da ressurreição a partir da realidade e das condições da ressurreição de Jesus e aquilo que julgo serem os hábitos ou pressupostos culturais mais comuns que nos levam a perder consciência da ressurreição ou que nos desviam dela. A isso darei o nome de "desconstrução da ressurreição". No final, apresentarei algumas sugestões sobre o que faz parte da prática da ressurreição: o ato de viver a vida de forma adequada e sensível num mundo onde Cristo ressuscitou e está vivo.

Reverência e intimidade: uma não anda sem a outra

Os autores dos quatro evangelhos concluem o relato que fazem do evangelho de Jesus com uma ou mais histórias da ressurreição. Eles chegam a esse ponto por vias diversas e fornecem dados diferentes, mas há um elemento que não falta em nenhuma dessas narrativas: a sensação de deslumbramento, perplexidade, surpresa. Apesar das várias dicas espalhadas pelas Escrituras hebraicas, e mesmo depois de Jesus ter feito três previsões explícitas de sua ressurreição (ver Mc 8.31; 9.31; 10.34), quando ela aconteceu ninguém esperava aquilo. Ninguém mesmo. As primeiras pessoas às voltas com a ressurreição de Jesus estavam cuidando de assuntos que envolviam a sua morte. De repente, elas se veem obrigadas a fazer uma mudança de 180 graus e começar a cuidar de assuntos pertinentes à vida. E no meio disso tudo elas foram tomadas de deslumbramento.

Mateus apresenta-nos Maria Madalena e uma mulher que ele chama de "a outra Maria". No domingo logo cedo, elas vão fazer uma visita ao túmulo onde, na sexta-feira de tarde, tinham visto José de Arimateia colocar o corpo crucificado de Jesus (ver 28.1-10). Quando chegam ao túmulo, de repente o chão começa a tremer debaixo de seus pés — era um terremoto. Na sequência, veem o brilho de um relâmpago, que na verdade era um anjo. Essa

mistura de terremoto com relâmpago faz os soldados romanos, que tomavam conta do túmulo, abandonarem o plantão. Assustados e sem entender nada do que estava acontecendo, eles desmaiam e ficam ali, esparramados pelo chão.

Mas as duas Marias estão em pé e ouvem o anjo, que lhes fala duas coisas: "Não temais" e "[ele] ressuscitou" (v. 5-6). Em seguida, o anjo lhes dá um recado que devem levar aos discípulos. Então, elas vão embora do túmulo, obedecendo à ordem do anjo. Profundamente admiradas e tomadas de alegria, saem correndo para contar a novidade aos discípulos. Mas são obrigadas a parar ao ouvir alguém que as cumprimenta: "Salve!" (v. 9). E, notando um tom de cordialidade no cumprimento, caem de joelhos diante do Jesus ressurreto. A primeira reação diante do Cristo ressurreto foi cair de joelhos em atitude de temor e reverência. Mas também houve certa dose de intimidade naquela reação, pois elas se atreveram a abraçar-lhe os pés e "o adoraram" (v. 9).

Juntos, esses dois elementos transformam-se em adoração. Ficar de joelhos diante de Jesus — uma expressão de reverência — não é em si mesmo adoração motivada pela ressurreição. Tocar e abraçar os pés de Jesus — uma expressão de intimidade — não é em si mesmo adoração motivada pela ressurreição. Reverência e intimidade não andam uma sem a outra. A reverência precisa banhar-se nas águas da intimidade,